



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

O outro lado do rio da literatura: sobre cibercultura, literatura, literatura digital e a crítica sobre literatura

The otherside of a river called literature: cyberculture, literature, digital literature and literary criticism

Alice Atsuko Matsuda^a; Bruno Everton da Silva Bambirra Alves^b

^a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, Brasil - aliceamatsuda@gmail.com

^b Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, Brasil - brunoevertonsba@gmail.com

Palavras-chave:

Literatura.
Cibercultura. Crítica
Literária.

Keywords:

Literature.
Cyberculture.
Literary Criticism.

Resumo: Este artigo volta-se à problemática que insurge quando o meio digital torna-se comum graças aos avanços tecnológicos que causam modificações diretas ao modo de viver e se relacionar, principalmente entre o humano e a arte. Aqui, discute-se sobre a literatura, a literatura digital, a cibercultura e a crítica sobre a literatura, lançando mão, principalmente, da teoria de Douglas Kellner (2011), Theodor W. Adorno (1971), Walter Benjamin (1987), Manoel Portela (2003) e Everton Vinicius de Santa (2011). Neste artigo, objetiva-se refletir sobre o que consiste a cibercultura e a poética da literatura que surge no meio virtual e como a crítica sobre a literatura tende a agir de forma conservadora ao voltar seu olhar para os objetos que surgem no meio virtual buscando negar o caráter literário desses.

Abstract: This paper turns its attention to the matter that appears when the virtual world turns accessible to most people due to technological advancements, which causes many changes to the way of life and how humanity and art relate among themselves. In this paper, it is discussed about literature, digital literature, cyberculture and literary criticism, dialoging theoretically with Douglas Kellner (2011), Theodor W. Adorno (1971), Walter Benjamin (1987), Manoel Portela (2003) and Everton Vinicius de Santa (2011). The main goal is to reflect what cyberculture is, its literary poetics traces that arise in the virtual world and how the critics tend to deal with this kind of literature in a conservative way when it analyses the virtual literary objects by negating their literary characteristics.



UM PRIMEIRO OLHAR PARA LITERATURA

A literatura, desde seus primórdios, não apresenta um consenso sobre seu ponto de partida e aonde pretende chegar, enquanto finalidade. Sem ter a quem servir diretamente, e sem também apresentar uma utilidade imediata, tanto a literatura quanto a arte, em um aspecto geral, flutua em um vazio conceitual, preenchido de contradições, paradoxos e hipotéticas definições, fazendo com que vários dedos estejam apontados para arte/literatura, mas sem que nenhum deles seja o mais correto a ponto de ser escolhido como definição padrão para esses objetos.

Apesar desse cenário repleto de incertezas, é notório os esforços e a procura de definições que possam esclarecer a nossa compreensão acerca da literatura, principalmente essa enquanto manifestação artística. Com isso, com o passar dos séculos, a literatura foi se desdobrando e tomando novos significados e formas. Se *a priori* a literatura teve seu berço nas tradições orais, com o advento da escrita, encontrou a materialidade para a sua arte nas pedras e, futuramente, no papel. Se, em um dado momento, a literatura se concentrava nos palcos gregos, depois, também encontraria seu refúgio nas folhas de um livro encadernado para então, em um outro futuro, materializar-se na realidade virtual de nossos monitores e telas de celulares.

Assim, é neste oceano da literatura, no qual velejamos, que este texto se localiza, porém, aqui, tomaremos como ponto de partida os desdobramentos na literatura causados com a intervenção das mídias mais recentes, ou seja, exploraremos os braços teóricos dos rios desse oceano. Com isso, na primeira seção deste texto, *A indústria cultural, a cultura da mídia e a reprodutibilidade técnica da obra de arte*, embasamo-nos as nossas reflexões quanto a ascensão da cultura da mídia na modernidade a partir da contribuição direta de Douglas Kellner em sua obra: *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno* (2011); do capítulo de autoria de Theodor W. Adorno, intitulado *A indústria cultural* (1971); e das críticas acerca da reprodutibilidade técnica por parte de Walter Benjamin em seu ensaio crítico: *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1987). Na segunda seção, *A cibercultura e sua poética*, apropriamo-nos das reflexões de Manoel Portela compartilhadas em seu artigo: *Autoautor, autotexto, autoleitor: o poema como base de dados* (2003); e, das definições acerca da cibercultura por parte de Everton Vinícius de Santa, em seu artigo: *A literatura*

em meio digital e a crítica literária (2011). Por fim, na última seção, *Literatura e Literatura Digital: um ensaio sobre o conservadorismo da crítica sobre literatura*, discorreremos sobre o problema que nos incomoda quanto à crítica sobre literatura acerca da literatura digital, ao essa, muitas vezes, insistir em reduzir a literatura do meio digital perante a manifestação “tradicional” da literatura, negando o caráter literário dos objetos que emergem nesse oceano de dados.

A INDÚSTRIA CULTURAL, A CULTURA DA MÍDIA E A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA DA OBRA DE ARTE

Nenhuma noção é estanque ou imutável, e a literatura serve como um exemplo disso. Conforme apresentado na introdução, a literatura, principalmente enquanto dramaturgia, de acordo com Lehmann (2007) esteve associada ao mito, à imitação e à ação, com a ascensão de novas percepções, decaiu-se esse modelo clássico, dando vazão à novas formas de entender e produzir literatura. Não mais se imitou como nos clássicos, ou se educou como nos tempos médios, ou constituiu-se uma mitologia com os contos das antiguidades dos gregos, da mesma forma que o palco deixou de ser o centro da literatura, passando a explorar novas formas de contar, de representar ou, como sugere Rancière (2017), cativar.

O surgimento de novas tecnologias, ou seja, de novas formas de pensar munido de novas técnicas de produção traz consigo não somente a novidade, como também a estranheza com o novo que está por vir. Tzvetan Todorov em *A literatura em perigo* (2010, p. 22), aponta que “[a] literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes”. Assim, justamente pela literatura não nascer de forma despreziosa, livre de amarras, que ela emerge com um potencial dialógico com a sua época de produção. Logo, não à toa que a literatura, ao ser produzida, busca os meios de produção e distribuição vigentes da época para se manifestar de forma cultural, social e política. Porém, há uma preocupação que, aparentemente, ronda aqueles que se relacionam com a literatura em sua materialidade no papel: com o advento da era digital, estaria o livro impresso fadado à extinção? Pensar nessa extinção, é adotar uma visão de substituição, em que uma nova tecnologia substitui a anterior, enquanto que, o ideal, seria pensar dentro de uma perspectiva de adjunção, em que a nova tecnologia

contribui de forma somatória ao objeto *a priori* produzido pelas demais tecnologias, podendo ter suas potencialidades expandidas com a nova tecnologia emergente.

Antes da era digital, as novas tecnologias que expandiram as formas de se produzir arte, por exemplo, a fotografia e o cinema, despertaram esse mesmo incômodo. O primeiro levantou a indagação do que aconteceria à pintura, enquanto o segundo, colocou em xeque o teatro. Ambos, no entanto, diante das novas tecnologias, não foram extintos, mas sim, passaram por um processo de ressignificação, abraçando novos métodos e novas estéticas de produção. Ou seja, esse pensamento de crise foi frutífero no aspecto de levar as artes “antigas” buscarem novas formas para se equipararem com as “novas”. Não podemos deixar de citar a influência da indústria cultural, teorizada e criticada por Adorno (1971), que buscou massificar os produtos artísticos, tornando-os acessíveis à preço de sua unicidade, tornando-os consumíveis em detrimento do seu caráter artístico muitas vezes exclusivo. Na perspectiva do autor (1971, p. 288), “[a] indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada a priori, e imutável”. Essa ideologia que permeia a indústria cultural pode ser entendida como uma “cultura de mídia” (KELLNER, 2001). Ou seja, a cultura que rege o meio pelo qual se produz e distribui a arte, estabelecendo mecanismos de produção, distribuição, determinando uma forma e uma proposta para essa. Em outros termos, “[...] a expressão “cultura de mídia” tem a vantagem de designar tanto a natureza quanto à forma das produções da indústria cultural (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição (ou seja, tecnologias e indústrias da mídia)”. (KELLNER, 2001, p. 52).

A insurgência dos processos industriais, decorrência das revoluções industriais que reverberaram em novos modelos político-econômicos, possibilitou o que Kellner cunhou de “cultura de mídia”. A sociedade agora tinha uma ideologia sistematizada que contemplava refletir sobre a forma de se produzir, o modo de se fazer isso e como distribuir o produto gerado a partir disso. Se outrora um livro literário (ou não) era produzido a partir da técnica manuscrita, agora, com a técnica refinada da impressão, vários livros podiam ser produzidos. Ou, como aponta Mourão (2009 *apud* TEIXEIRA, 2012):

O aparecimento do livro moderno é fruto da industrialização da própria técnica de impressão: “Ao substituir a mão, a máquina multiplica, industrializa o

livro”. O livro é um utensílio. [...]. O texto, o livro são objetos e convém não perder de vista os modos da sua existência material.

Com o livro impresso, similarmente ao livro digital, foi aplicado a lógica substitutiva. Tal lógica projetou a preocupação do que ocorreria com o livro produzido a partir da técnica manuscrita, agora rudimentar e antiga. Essa preocupação, de certo modo, alimentou o que Benjamin critica em seu ensaio, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1987). Antes, o livro manuscrito, com produção limitada, tinha para si um valor único, uma aura peculiar que o distinguia entre os demais livros. Agora, com a possibilidade de reproduzir esse livro inúmeras vezes, conduzia essa aura ao seu estado de crise, pois o livro já não era mais único, mas sim comum. Benjamin (1955, p. 167-168) esclarece que:

A esfera da autenticidade, como um todo, escapa à reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica. Mas, enquanto o autêntico preserva toda a sua autoridade com relação à reprodução manual, em geral considerada uma falsificação, o mesmo não ocorre no que diz respeito à reprodução técnica, e isso por duas razões. Em primeiro lugar, relativamente ao original, reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual. [...] Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original.

Assim, esse celeuma sobre o autêntico dentro dessa “cultura de mídia” que se instaura a partir da industrialização das técnicas de produção transcende o próprio método de utilizar-se da reprodução enquanto técnica de produzir arte. Com isso, pode-se entender que não foi a era digital que lançou a sombra sobre a originalidade, autenticidade e unicidade dos produtos literários, essas consequências são enfrentadas desde meados do século XX, com as transformações que o cenário político, econômico e cultural foram sofrendo. Isso também exemplifica, e retoma, como que a humanidade ainda olha com estranheza toda novidade que surge e, depois, acaba por conformar-se com a presença dessa novidade.

A partir dessas reflexões iniciais, nas quais pudemos ter uma noção mais clara do que ocorreu antes da ascensão da cultura digital (ou cibercultura), podemos então voltar a nossa atenção a tempos mais próximos do nosso cotidiano. Na próxima seção, nosso olhar se volta a compreender do que se trata a cibercultura, como se dá a sua poética e as técnicas que a incorporam.

A CIBERCULTURA E A SUA POÉTICA

Com o advento da globalização e a era digital, a tecnologia *Internet* tornou-se cada vez mais comum, passando a ligar a todos por meio dos computadores dentro de uma rede de dados de comunicação virtual. Isso possibilitou que reduzíssemos não somente a distância entre duas pessoas, como também o tempo de resposta entre elas. Dentro dessa rede, navegamos entre países, culturas e políticas, e os mais insensatos se aprofundam na rede profunda (*Deep Web*), onde se concentra os conteúdos mais nefastos e obscenos do mundo virtual. Com o mundo virtual, que existe paralelamente ao real, traz consigo uma cultura que vai além da “cultura da mídia” de Kellner (2001). A cibercultura, conforme Pierre Lévy (1999, p. 17 *apud* SANTA, 2011, p. 3), “[...] especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

A definição apresentada por Lévy (1999) dialoga, de certa forma, com aquilo defendido por Douglas Kellner (2001) no que diz respeito à cultura de mídia. Ambos contemplam, de alguma forma, as técnicas, práticas e atitudes voltadas para um propósito. Porém, a diferença é que enquanto Kellner (2001) preocupa-se com a mídia, o olhar de Lévy atém-se ao meio cibernético. Fora isso, Everton Vinícius de Santa (2011, p. 6) esclarece que

[...], a cibercultura é reflexo (ou causa) dessa incorporação tecnológica que propicia mudanças no modo como a sociedade observa e interage entre si e com seus objetos de consumo, sejam eles de alçada artística ou não, estabelecendo, assim, novos hábitos em torno do que antes era tradicional.

Com isso, o meio digital não só causa mudanças para com aqueles com interação dentro de seu meio, mas também fora dele, ou seja, no real. É comum a troca de influências entre esses meios, tanto que se confunde entre literatura digital e àquela que foi digitalizada. A primeira diz respeito à literatura que surge inerentemente no meio digital, sua gênese são dos dados, *pixels* e códigos, enquanto a segunda sofreu um processo de transposição do meio real para o virtual, que é o caso dos *e-books* (livros eletrônicos). No caso do segundo, sua poética não é modificada, salvo casos de transcrições¹, em que o produto literário ao ser transposto para o meio virtual sofre uma intervenção por parte de seu transcriador. Já o primeiro, vai apresentar uma poética própria do meio. Entretanto, o que entendemos

¹ Aqui, fazemos um paralelo com a teoria da transcrição de Haroldo de Campos (2015), pois entendemos que há uma intervenção criativa na transposição do livro do meio real para o meio virtual. Neste caso, o livro sofre um processo de recriação, em que seus traços da cultura do meio real são adaptados à cultura do meio virtual.

por poética? Bem, podemos considerar poética como uma cultura da escrita intrínseca a um período ou época, em que essa

[...] é apreendida como um exercício constrangido por regras, dependente de estruturas recursivas e de permutações abertas, cujas propriedades criativas derivam em parte dos automatismos da gramática da língua, sobre determinados por constrangimentos discursivos, padrões culturais e preferências estilísticas que privilegiam certas associações. (PORTELA, 2012, p. 205).

A poética do meio digital será regrada pelo princípio da hipertextualidade. Ou seja, o produto literário digital será, dentro dos termos de Genette (2010), um hipotexto remetendo-se a um hipertexto. Entretanto, é necessário esclarecer que

[...], ao nos referirmos ao hipertexto, estamos nos referindo também a um ambiente de manifestações diferente do meio impresso em papel, ou seja, estamos diante de um ambiente que emerge do virtual e, por isso, chamado ciberespaço, pelo qual flui a hipertextualidade, como um espaço livre, onde qualquer indivíduo poderia navegar e acessar conhecimentos. (SANTA, 2011, p. 9).

Ou seja, a hipertextualidade é o que vai conferir o caráter de rede para os produtos literários que emergem no meio virtual. Esse princípio dialógico que permite com que um texto resgate outro, faz com que os textos desse meio, dentro dessa cibercultura e pensados sob essa poética, permaneçam interligados. Não à toa, é comum encontrar-se *hyperlinks* que conferem acessos de um texto a outro, algo possível somente no meio virtual de forma rápida e instantânea. E, por conta disso, a experiência de leitura difere-se entre o produtor literário real do virtual, pois no real não se tem essa conexão imediata entre os textos, da mesma forma que a velocidade de consumo entre os produtos é diferente. Santa (2011, p. 10-11) justifica que

[...], o hipertexto digital constitui-se como uma forma de textualidade que altera o significado do “ato de ler” e dos conceitos de autor, autoria e leitor. [...], essa produção textual ganha proporções exponenciais de consumo e produção pela velocidade e facilidade de criação, transmissão e recepção desses textos.

Além disso, não podemos dispensar que os produtos literários oriundos da poética da cibercultura vão fazer uso tanto da linguagem verbal quanto da não-verbal. Abusando dos processos intersemióticos, levando a experiência do leitor a um outro patamar, ao experimentar e sentir não só pela decodificação das palavras, mas também ouvindo-as,

lendo-as e, até mesmo, lendo-as. O uso desses processos intersemióticos por parte do meio virtual faz com que muitos questionem o caráter literário dos produtos que surgem desse meio. Porém, muitos criticam ignoram o potencial limitado para a literatura do meio real pois, para alcançar-se o mesmo efeito ou similar, o leitor deve lançar mão de sua cognição imaginativa a ponto de converter as palavras, sentenças e orações em imagens estéticas, ou seja, capazes de fazê-lo sentir conforme o texto verbal propõe. Mesmo tendo bons exemplos da literatura do meio real que conseguem desafiar os limites sensoriais do leitor, como *Som e a Fúria* (2017) de William Faulkner, a literatura digital, por possuir acesso a diferentes técnicas digitais, acaba por alcançar essa estética desafiadora de forma mais rápida comparada à literatura tida como “tradicional” dado a sua acessibilidade a diferentes ferramentas que proporcionam uma experiência do leitor no ato da leitura, tais ferramentas sejam elas visuais e/ou auditivas, alteram a percepção do leitor, tornando a potencialidade de imersão do leitor no texto digital de forma mais exponencial, principalmente ao lançar mão de meios híbridos, que mesclam imagens, texto, profundidade, cores e sons para alcançar a estética ideal para a construção de sentido do texto literário.

Tendo esclarecido o que consiste a cibercultura e como se dá a sua poética, assim como já apresentando alguns vestígios da problemática de prestígio entre literatura e literatura digital, na próxima e última seção deste artigo, ocupamo-nos em refletir sobre como a crítica sobre literatura age de forma conservadora ao tentar destituir o caráter literário os produtos feitos a partir da poética da cibercultura, uma vez que por conta de seu hibridismo enquanto forma e conteúdo, e suas frequentes trocas de influências com outras artes, como música e cinema, acaba sendo usado como argumento que o produto que o leitor exposto não é um produto literário, mesmo sem existir um consenso quanto o conceito que define literatura.

LITERATURA E LITERATURA DIGITAL: UM ENSAIO SOBRE O CONSERVADORISMO DA CRÍTICA SOBRE LITERATURA

Conforme dito anteriormente, a lógica que vigora entre muitos, pelo menos de forma aparente, é que muitos tratam as novidades tecnológicas de forma substitutivas, e não de forma somatória, o que faz com que noções que comprometem o avanço e a expansão

criativa fiquem sob a ameaça de uma ótica mais conservadora. Na perspectiva de Santa (2011, p. 11),

[...], há, na verdade, uma nova tendência de tecnologia textual conforme o próprio desenvolvimento de nosso atual sistema sociocultural e que merece importante atenção, na medida em que está ligada diretamente ao processo de criação literária, ainda que, por outro lado, sua proximidade com o texto impresso seja relativa.

Para alguns, abraçar o meio virtual é o mesmo que abandonar o caráter de resistência, aceitar a superficialidade e afogar-se no ordinário (AZEVEDO, 2007 *apud* SANTA, 2011, p. 11). Entretanto, recusar o meio virtual, as suas possibilidades e potencialidades, é assinar o contrato com o elitismo da produção literária, por compactuar com uma visão de que a arte tem que ser produzida por poucos e acessível a poucos também.

O meio virtual esgarça essa noção, pois ele abre meios acessíveis para os mais diferentes tipos de objetos literários, sendo esses de massa ou não, da mesma forma que permite que muitos produzam e divulguem seus trabalhos em diferentes meios, como por exemplo: Medium, Wordpress, Skoob e Wattpad. O meio virtual surge como um bastião que rompe o paradigma de produção artística, nele todos os objetos tornam-se, *a priori*, massificados, afinal podem ser facilmente consumidos, tornando-se efêmeros. Entretanto, Santa (2011, p. 10) afirma que “[...], a efemeridade do texto hipermidiático sempre esteve presente no objeto literário, [...]”, servindo de lembrete que não é o meio virtual que faz com que os objetos desse meio tenham uma vida curta dado o seu consumo instantâneo, mas sim, porque essa característica já acompanha o objeto literário antes dessa nova tecnologia.

Outro ponto que aparenta ser um incômodo para os mais conservadores quanto às potencialidades de produção no meio virtual é, também, a liberdade que o meio proporciona àqueles que fazem uso dele. Santa (2011, p. 10) esclarece que “[a] liberdade criadora proporcionada pelo ambiente virtual, no que se refere à criação e construção de significados gerados pelo hipertexto, é propiciada pelas inúmeras possibilidades de caminhos, o que faz do ciberespaço um ambiente desterritorializado”. A ideia de território dialoga com o que Deleuze e Guattari (2011) propõe em *Mil Platôs*, um ambiente de pertencimento e de posse, falar em um “ambiente desterritorializado” é pensar em um local sem dono, limites e posse. Se outrora os críticos sobre a literatura se apropriaram dela no meio real, impondo seus limites e parâmetros avaliativos, no meio virtual, tem-se

uma revolução que torna esses limites líquidos, fazendo com que as fronteiras desse território se tornem flexíveis, ou até mesmo inexistentes. E, acreditamos ser essa ausência de concretude que faz com que muitos olhem para os produtos literários do meio virtual de forma a descredibilizá-los, a fim de manter essa territorialização do *status quo* literário, em que define o que está dentro (enquanto validado como literatura) e excluindo aquilo que está fora (sendo esses não literários).

Não à toa, concordamos com Steiner (1988, p. 21), quando este afirma que “o crítico vive de segunda mão” por escrever sobre uma obra literária. Porém, o crítico não está inserido nessa relação entre autor-obra-crítico para validar ou cancelar o teor literário de uma obra, ou para promover ou apagar um autor, mas sim para escrever em conjunto à obra literária. Para Steiner (1988, p. 25-29) a crítica exerce três funções: [1] apresentar releituras e como fazê-las; [2] estabelecer conexões, ampliando e complicando “o mapa da sensibilidade” do texto literário; e, [3] interrogar o livro literário, analisando a literatura, sobretudo, contemporânea. Em outras palavras, o crítico literário não traz consigo uma verdade cristalina sobre a traição ou não de Capitu em *Dom Casmurro* (1899), mas sim, levanta uma hipótese quanto a essa situação. Da mesma forma que, o crítico literário, levanta a hipótese e argumenta sobre um possível romance homoafetivo entre Bentinho e Escobar (OLIVA, 2017), ao propor-se a ler a obra de Assis à luz da psicanálise, avaliando as falas e comportamentos das personagens entre os diálogos e pensamentos expostos no texto. O mesmo fenômeno ocorre para com os textos literários do meio digital, não cabe ao crítico mensurar com sua régua a medida literária que o texto possui ou não, mas sim, inscrever junto ao texto do meio virtual, refletindo sobre sua poética, as técnicas utilizadas, como essas participam e refletem sobre o texto, e como este interage com o meio no qual é produzido, promovido e consumido.

Por fim, é necessário respeitar a existência dos objetos literários do meio virtual, assim como a cibercultura que se torna cada vez mais significativa em nosso cotidiano. Assim como, temos que refletir sobre a nossa postura, seja enquanto escritores, leitores e críticos, para não castrarmos um meio potencial de produção e divulgação de arte por simplesmente não o compreendermos por inteiro, ou não possuir alguma afinidade com ele. A cibercultura, apesar de partilhar traços e, muitas vezes, servir bem à indústria cultural graças a cultura de mídia que esse modelo de indústria projetou dentro do meio virtual, não se pode ignorar que a cibercultura também pode possibilitar muitos ganhos

para as propostas que fogem ao interesse da indústria cultural. Primar pela coexistência é permitir que os leitores possam entrar em contato com ambos os mundos, seja o massificado ou o refinado, ou como muitos preferem denominar, de “baixa” e “alta” cultura, apesar de ambos — deixando de lado os adjetivos que prestigiam, ou deixam de fazê-lo — serem representativos o suficiente enquanto objetos culturais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. *In: COHN, Gabriel. Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1971. p. 287-295. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1093512/mod_resource/content/1/Adorno_IndustriaCultural.pdf. Acesso em: 7 jan. 2021.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In: Magia e Técnica, Arte e política*. Obras escolhidas I. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 165-196.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Ed. Viva Voz, 2010.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 2011.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2011.

LEHMANN, Hans-thies. *Teatro Pós-Dramático*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Tradução: Pedro Süsserkind.

OLIVA, Osmar Pereira. Amizade Masculina e Homoerotismo em Dom Casmurro, de Machado De Assis. *Machado Assis Linha*, São Paulo, v. 10, n. 22, p. 74-93, Dec. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212017000300074&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-6821201710226>.

PORTELA, Manuel. Autoautor, autotexto, autoleitor: o poema como base de dados. *Revista de Estudos Literários*, n. 2, Coimbra, CLP, 2012, p. 203 - 240.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
Tradução: Raquel Ramallete, Laís Eleonora Vilanova, Lígia Vassalo e Eloisa Araújo Ribeiro.

SANTA, Everton Vinícius de. A literatura em meio digital e a crítica literária.
Hipertextus - revista digital, n. 7, Recife: UFPE, 2011, p. 1 - 13.

STEINER, George. *Linguagem e Silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. Tradução: Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médica (org.). *Haroldo de Campos*:
Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

TEIXEIRA, Luís Filipe B. A reconfiguração da literatura (ficção) no contexto dos novos médias (ficção, e-textos, hipertexto e videogames: “máquinas literárias”?). *Revista de Estudos Literários*, n. 2, Coimbra, CLP, 2012. p. 241-276.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução: Caio Meira. São Paulo: Ed. DIFEL, 2008.

NOTAS DE AUTORIA

Alice Atsuko Matsuda (aliceamatsuda@gmail.com) - Possui Graduação em Letras Anglo Portuguesas e Especialização em Letras-Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado em Letras - Literatura e Ensino - pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e Doutorado em Letras - Estudos Literários - pela Universidade Estadual de Londrina (2009). Em junho/2018 finalizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade de Coimbra, com auxílio Capes, integrando o Grupo de Investigação Mediação Digital e Materialidades da Literatura. É professor titular, Associado 1, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL). É líder do Grupo de Pesquisa LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ANÁLISE LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR. Participa também como membro do GT LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, da ANPOLL; dos Grupos de Pesquisas RELER - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Leitura (PUC - Rio); Discursos sobre Trabalho, Tecnologia e Identidades (UTFPR/PPGTE) e do Grupo de Pesquisa Literatura e Cultura Contemporânea (ULBRA). Tem experiência nas áreas de Letras e de Jornalismo com ênfase em Literatura Infantil e Juvenil, Metodologia e Prática de ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, Educomunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura infantil e juvenil, Lygia Bojunga Nunes, leitura e literatura na escola, literariedade e formação do leitor - Método Recepcional, metodologia e prática de ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, análise literária, literatura brasileira e literatura e mídia na escola..

Bruno Everton da Silva Bambirra Alves (brunoevertonsba@gmail.com) - É graduado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2019). Mestrando do Programa em Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da UTFPR-Curitiba. Foi voluntário no projeto de extensão organizado por alunos de Letras Português/Inglês da UTFPR Câmpus Curitiba, Entrepresas (2017-2019), no qual auxiliou na organização e realizou oficinas de Escrita Criativa. Em 2016, ganhou o Prêmio Poetize fazendo parte da Antologia Poética editado, organizado e publicado pela Editora Vivara.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

MATSUDA, Alice Atsuko; ALVES, Bruno Everton da Silva Bambirra. O outro lado do rio da literatura: sobre cibercultura, literatura, literatura digital e a crítica sobre literatura. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 191-203, 2021.

Contribuição de autoria

Alice Atsuko Matsuda: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Bruno Everton da Silva Bambirra Alves: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 11/04/2021

Aprovado em: 09/06/2021